

MOIMENTO

uff

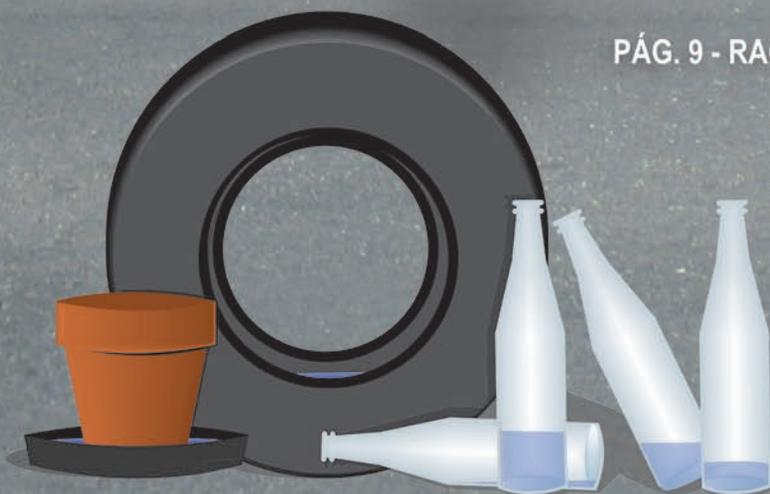
Publicação da Universidade Federal Fluminense - nº154 - Junho de 2006
www.momento.uff.br



PÁG. 4 - INCLUSÃO DIGITAL NO VALE DO CAFÉ

PÁG. 6 - DENGUE: UMA DOENÇA SOCIAL

PÁG. 9 - RACISMO AMBIENTAL, PRECONCEITO DISFARÇADO



Caro leitor,

Nesta edição do **Momento UFF** o especialista Sérgio Setúbal aponta as principais razões pelas quais a dengue continua assustando a população.

Iniciativas da universidade voltadas para o aluno de baixa renda são abordadas na reportagem “Uma ajuda para quem quer estudar”.

E por falar em avanços, mais uma ação de interiorização da UFF – agora na região do Vale do Café – leva o universo digital a muitas pessoas.

“O fim dos interurbanos da UFF” mostra a iniciativa do NTI para minimizar os gastos da universidade com telefonia e possibilitar uma comunicação rápida e de qualidade.

Os admiradores da cultura russa podem, a partir do trabalho do professor Paulo Bezerra, contar com uma tradução mais fiel de clássicos da literatura.

A questão do descaso com populações vulneráveis de regiões abandonadas pelo poder público é assunto da reportagem “Racismo ambiental”.

Mulheres vítimas de violência sexual e doméstica contam com um tratamento especial no Huap que vai além do pronto-atendimento, dando assistência psicológica.

Professoras da Escola de Enfermagem criaram um atendimento específico para quem cuida de pacientes de Alzheimer.

Em reconhecimento aos seus dez anos de pesquisas, a Petrobras financia nova sede para o Laboratório de Inteligência Artificial da UFF.

As editoras

Entre a miopia e a interpretação equivocada

*Victor Leonardo de Araújo**

A quitação do compromisso brasileiro com o FMI, no valor de US\$ 15,5 bilhões, foi recentemente anunciada pelo presidente Lula em seu pronunciamento em rede nacional de rádio e TV como sinal de independência e desenvolvimento do Brasil, que, doravante, passaria a caminhar com suas próprias pernas. Entre a retórica e a análise dos fatos, há importantes reflexões a serem feitas sobre o tema.

O pacote de ajuda financeira do Fundo, anunciado no auge da crise cambial ocorrida durante o processo eleitoral em 2002 sob o governo Fernando Henrique Cardoso, tinha como parte integrante a implementação, por parte do governo brasileiro, de duras medidas de ajuste macroeconômico. No plano fiscal, faria parte do acordo um superávit primário da ordem de 3,75% do PIB, que logo o governo aumentou para 3,88% como forma de sinalizar ao Fundo e ao mercado financeiro que dali em diante o governo brasileiro de fato levaria a sério um ajuste fiscal. Também foram tomadas medidas de arrocho monetário – as taxas de juros foram elevadas a patamares elevadíssimos –, além do compromisso de manutenção do câmbio flutuante. Em troca, o Brasil receberia do Fundo US\$ 30 bilhões que reduziriam a vulnerabilidade externa da economia brasileira naquele contexto de crise cambial.

Ao tomar posse, o governo Lula, diante de um quadro macroeconômico bastante deteriorado pelas especulações do mercado financeiro quanto ao novo governo, sinalizou ao FMI o oposto do que historicamente pregava. Assim, o novo governo renovou o acordo com o Fundo e não só deu prosseguimento às reformas macroexigidas por ele, como ainda as exacerbou. Ao final de 2005, optou por não mais renovar o acordo, anunciou o pagamento da dívida e declarou que o Brasil tornara-se independente do Fundo.

ANO	Balança comercial brasileira (US\$ bi)	Transações correntes brasileiras	Câmbio médio (R\$/US\$)	Taxa de crescimento do PIB brasileiro (%)	Taxa de crescimento do PIB mundial (%)
2002	13,1	-7,6	2,9204	1,9	3,0
2003	24,8	4,2	3,0775	0,5	4,0
2004	33,6	11,7	2,9251	4,9	5,1
2005	44,7	14,2	2,4344	2,0*	4,3*

*Victor Leonardo de Araújo é professor de Economia Internacional da UFF

Leia este artigo na íntegra no site da UFF - www.noticias.uff.br/artigos/artigos.php

realização



Universidade Federal Fluminense – Reitor: Cícero Mauro Fialho Rodrigues – **Vice-Reitor:** Antonio José dos Santos Peçanha **Núcleo de Comunicação Social - Diretora:** Cristina Ruas – **Momento UFF Editoras:** Luiza Peluso e Pamela Archontakis – **Redação:** Geisa Maria, Kátia Vieira, Léa Aguiar, Luiza Peluso, Pamela Archontakis – **Criação e Produção Gráfica:** Marcos Aurélio R. Monteiro e Alexandre Facuri – **Bolsistas:** Alice Cordeiro, Daniel Coutinho, Gabriel Benamor, Lívia Duarte, Natalia Charruff, Renata Cezar (Jornalismo); Lucas Louis, Frederico Lopes (Publicidade e Propaganda) – **Endereço:** Rua Miguel de Frias, 9, 8º andar, Icaraí, Niterói/RJ - 24220-000 – **Tels.:** 2629-5239 e 2629-5244 (telefax) – **E-mail:** nucs@vm.uff.br – **Tiragem:** 12.000 exemplares – **Fotolito:** Zoomgraf-k Ltda. – **Impressão offset:** Gráfica Universitária da UFF – **Site UFF Notícias:** www.noticias.uff.br



Uma ajuda para quem quer estudar

Luiza Peluso



Jovina Bruno e Claudia Macedo esperam ampliar benefícios aos alunos

Luiza Peluso

A partir do primeiro momento do aluno na universidade, ele já adquire o direito de se inscrever em um tipo de bolsa. Dependendo do caso, o estudante pode participar da modalidade treinamento ou alimentação, bem como se candidatar aos dois benefícios ao mesmo tempo. Os recursos orçamentários para as bolsas-treinamento são provenientes da União – atualmente são disponibilizadas 238 –, enquanto que as bolsas-alimentação, que tanto podem ser de 50% do valor ou integrais, provêm de recursos próprios. A bolsa-treinamento tem duração de 15 horas semanais, e as inscrições são realizadas em outubro.

De acordo com a responsável pelo Departamento de Assuntos Comunitários (DAC), Jovina Maria de Barros Bruno, “desde 1997, o MEC não libera verba para alimentação”.

“Desde 1997, o MEC não libera verba para alimentação”

Apesar disso, o DAC vem ampliando a oferta de auxílios concedendo também atendimentos médico e odontológico aos bolsistas.

Além dessas duas modalidades assistenciais, a UFF criou neste ano a bolsa-emergencial, para atender ao aluno que, inesperadamente, teve sua situação financeira agravada. Para isso, foram criadas mais 66 bolsas no valor de R\$ 300 cada.

Hoje, a UFF conta com cerca de 21 mil alunos residentes em outras cidades e cinco mil que moram em Niterói. Segundo o último levantamento realizado pelo DAC, a maioria dos alunos que solicita bolsas são moradores da Baixada Fluminense, São Gonçalo e outros municípios do Estado do Rio.

A chefe do Departamento de Serviços Sociais, Claudia Macedo, afirma que a quantidade de pré-vestibulares comunitários na UFF – hoje são sete – favorece o ingresso de alunos de baixa renda (rendimento *per capita* familiar de até R\$ 180). “O estado de carência dos alunos bolsistas é muito grande, correspondendo, na maioria das vezes, à primeira geração de universitários da família.” A maior parte dos alunos provêm dos cursos de História, Geografia, Serviço Social, Letras, Enfermagem, Pedagogia, Biblioteconomia e Documentação e Arquivologia.

“O estado de carência dos alunos bolsistas é muito grande, correspondendo, na maioria das vezes, à primeira geração de universitários da família”

Estudo visa à inserção de alunos carentes

Paralelamente às ações do DAC, foi realizada uma pesquisa do projeto Conexões de Saberes, da Pró-Reitoria de Extensão (Proex), sobre o percentual de alunos em situação de pobreza que entram na universidade por meio do vestibular. O estudo revela que candidatos de famílias mais pobres se inscrevem em cursos considerados de menor prestígio social e apresentam “taxa de sucesso” negativa no vestibular. Em 2005, do total de candidatos inscritos na faixa de renda familiar de até um salário mínimo, somente 1,69% foram aprovados no vestibular. Entretanto, esse percentual de aprovação aumenta para 13,13 na faixa de até três salários mínimos.

Renda familiar	Inscritos no vestibular (%)	Aprovados no vestibular (%)	Taxa de sucesso
Até 1 salário mínimo	3,81	1,69	- 55,92
De mais de 1 a 3 salários mínimos	23,15	13,13	- 43,30
De mais de 3 a 10 salários mínimos	35,58	37,68	5,91
De mais de 10 a 20 salários mínimos	17,38	23,31	34,13
Mais de 20 salários mínimos	12,99	18,62	43,34
Sem declaração	7,09	5,57	- 21,43

Fonte: Tabulações do Projeto Conexões de Saberes (Proex) sobre os dados do banco de dados da Proac/Coaseac

Bandejão

Jovina Bruno comenta as diferentes realidades vividas pelos estudantes das universidades do estado. Na UFRJ, Uni-Rio e UFRRJ, o serviço de refeição universitário é terceirizado, enquanto a UFF mantém, há mais de dez anos, o preço do bandejão em R\$ 0,70. “Esse valor, no entanto, já não é mais suficiente para cobrir os custos dos gêneros alimentícios”, acrescenta Jovina.

As estatísticas apontam para um grande número de alunos da UFF que não podem pagar nem mesmo R\$ 0,70 – quantia simbólica para muitos. Para beneficiar esse aluno, o DAC concedeu, no ano passado, 248 bolsas do tipo A (isentam o aluno do pagamento da refeição) e 37 do tipo B (que garantem ao aluno redução de 50% no custo de sua alimentação diária).

Plantão de Serviço Social

Os interessados nos auxílios oferecidos pelo DAC devem ligar para os ramais 5304 ou 5305, de segunda a sexta- feira, das 9h às 17h, na Reitoria (prédio anexo).

Inclusão digital no Vale do Café

Arquivo



Renata Cezar

Uma proposta de inclusão digital que faz parte do Programa de Municípios Digitais tem recebido reconhecimento internacional pelo seu aspecto inovador. O programa é um projeto de extensão da UFF realizado em parceria com a Associação de Prefeitos dos Municípios do Rio de Janeiro (Apremerj) e com o governo do estado. Elaborada pelo professor Franklin Dias Coelho, do Departamento de Economia, a iniciativa consiste na implantação de um corredor digital em alguns municípios do Vale do Café – Rio Claro, Barra do Piraí, Piraí, Valença, Vassouras e Rio das Flores.

O Corredor Digital é uma ação que surgiu a partir da experiência do projeto Piraí Digital e de Rio das Flores. De acordo com o professor, “o trabalho está sendo adequado à realidade dos municípios fluminenses, respeitando suas características de lugares que se constroem socialmente com suas histórias, culturas, atores políticos, econômicos e sociais”. O intuito é permitir que regiões hoje excluídas tenham acesso à informação e ao conhecimento que a internet permite.

A idéia é beneficiar toda a população dessas localidades por meio da instalação de computadores nos laboratórios das escolas, nos telecentros dos distritos e

nos terminais públicos dos bairros. Outro objetivo do corredor digital é viabilizar o acesso a baixo custo nas casas e empresas. Os laboratórios já existentes em Piraí e Rio das Flores beneficiam os alunos da rede escolar. Os telecentros no centro urbano beneficiam aproximadamente 90% da população. Além disso, os terminais públicos indicam cerca de 400 acessos semanais, democratizando o acesso à informação para a população que não pode ter um computador em casa.

Nos fins de semana, os laboratórios ficam à disposição para atividades comunitárias. “A função desses centros é definida pelo seu papel no projeto educacional e por uma nova pedagogia que incorpora as tecnologias de informação e comunicação”, diz Coelho. Os telecentros têm uma relação mais direta com a comunidade, tanto nas suas atividades de democratização do acesso à internet, quanto nos serviços e projetos comunitários que desenvolve.

O Programa Municípios Digitais constrói parcerias em diversas áreas que permitem grande diversidade de fontes de financiamento. Uma boa parte do apoio recebido vem dos governos federal e estadual. Alguns laboratórios receberam ajuda de empresas localizadas no mesmo bairro ou distritos.

Reconhecimento internacional

O reconhecimento pela inovação do projeto veio inicialmente do exterior. Em 2004, logo após a implantação da primeira rede em Piraí, foi publicada na revista *Newsweek* uma reportagem que comparava redes de sistemas sem fio em Nova York, Londres, Tóquio e Piraí. No mesmo ano, o projeto recebeu o prêmio de melhor projeto de cidade digital da América Latina (cidades de pequeno porte) do Instituto de Conectividade das Américas (ICA), sediado no Canadá, da Associação Hispano-Americana de Instituições e Empresas de Telecomunicações (Ahciet) e da Rede Ibero-Americana de Municipalidades. No fim do mesmo ano, o estudo foi premiado como destaque em projetos de Gestão Pública e Cidadania, concedido pela Fundação Getúlio Vargas/SP, pela Fundação Ford e pelo BNDES. No ano passado, o Congresso de Informática Pública considerou o projeto Piraí Digital como um dos dez melhores em informática pública no Brasil, além de ser reconhecido como “Top Seven” pela Intelligent Community.

A possibilidade de implantar hoje um sistema de comunicação digital local é, segundo o professor Franklin Coelho, o principal aspecto inovador. A previsão para implantação dos pontos da internet em municípios de até 50 mil habitantes está prevista para depois de 2010. Piraí e Rio das Flores não tinham DSL, ou seja, o acesso via cabo e o acesso à internet se faziam por meio de ligação interurbana. “Pode-se dizer que essas regiões saíram de uma total ausência de conexão de banda larga para a possibilidade de acesso universal à internet. Além disso, a inauguração da rede permite o desenvolvimento de novos conteúdos digitais trabalhados com o suporte de infra-estrutura municipal de transmissão de voz, imagem e dados.

Na vanguarda da telefonia

Tecnologia facilita a interligação entre os diversos 'campi' da UFF

Desde janeiro, funcionários de quaisquer das cinco unidades localizadas no interior do estado já podem falar ao telefone utilizando apenas os quatro dígitos dos ramais, independentemente da distância, ou seja, sem fazer ligações interurbanas. As outras seis unidades, incluindo Oriximiná, no Pará, também estarão usufruindo desse benefício nos próximos meses.

Léa Aguiar

A UFF tem um potencial para utilização de telefonia de cerca de 30 mil usuários, dentre docentes, discentes, funcionários técnico-administrativos e prestadores de serviço, distribuídos em Niterói e nos demais municípios do interior do estado. Além de reduzir ou mesmo eliminar a necessidade de ligações interurbanas, o novo sistema configura-se como uma importante ferramenta administrativa, ao oferecer a possibilidade de gestão sobre as ligações realizadas e de análise do perfil de tráfego entre os sites.

Telefonia ganhou novo 'status' na UFF

Antes dessa iniciativa, praticamente não havia gerência, mas apenas manutenção da rede, que era toda administrada e gerenciada pela operadora comercial. Hoje, são 24 plataformas PABXs (ou centrais telefônicas inteligentes) e mais cinco gateways (saídas) de ramais, que se interligam com a rede, sobre os quais a UFF, por meio do Núcleo de Tecnologia da Informação (NTI), tem controle centralizado. Os técnicos são altamente especializados, e a universidade está na vanguarda do sistema de telefonia, tendo sido também a primeira a instalar 21 quilômetros de cabeamento de fibra ótica, em 1998. Atualmente, a rede, uma das mais extensas do país, tem 30 quilômetros.

Todo esse avanço foi possível graças à chamada tecnologia VoIP – voz sobre o protocolo internet –, tendência mundial e o que existe de mais avançado na área de telecomunicações.

Até 2002, a UFF dispunha de um sistema de PABX eletromecânico ligado a 150 linhas de voz, contratadas da operadora comercial de telefonia. Com a falência desse sistema, foi contratado, em caráter emergencial, um serviço que simula um PABX e que funcionou por cerca de um ano. Esse período deu fôlego para que uma nova infra-estrutura fosse preparada.

Quando, em 2004, a direção da UFF solicitou ao NTI um projeto de telefonia mais avançado, a opção foi pela tecnologia VoIP. Hoje, a UFF utiliza a rede pública de telefonia somente para as ligações externas.



O novo sistema VoIP permite realizar ligações para telefones externos, nas localidades onde a UFF está presente, sem custos adicionais.

Com todas as inovações dos últimos anos, a conta telefônica da UFF teve uma queda acentuada, passando de R\$ 206 mil, em setembro de 2003, para R\$ 79 mil em janeiro de 2006. Desses R\$ 79 mil, R\$ 48 mil corresponderam aos gastos de três mil ramais fixos e R\$ 31 mil de ligações para celulares.

VoIP para todos ou VoIP4ALL

A UFF participa, com mais 70 instituições federais de ensino e pesquisa, de uma rede com este nome estranho: VoIP4ALL (VoIP para todos, ou, em inglês, *for all*). O objetivo é a integração de toda a Rede Nacional de Pesquisa (RNP) por meio da VoIP.

Até o momento, somente 14 universidades têm a possibilidade de falar entre elas através de VoIP. Para a integração de todas essas instituições, será preciso que as demais redes estejam utilizando a nova tecnologia. A RNP está incentivando, por meio de cursos e doação de equipamentos e softwares, a adoção da VoIP pelos participantes.

Ramais

Campos dos Goytacazes – ramais de 4100 a 4120
Rio das Ostras – ramais de 4300 a 4309
Volta Redonda – ramais de 4401 a 4402
Bom Jesus do Itabapoana – ramais de 4200 a 4217
Pinheiral – ramais de 4500 a 4519



DENGUE: UMA DOENÇA SOCIAL

Kátia Vieira

Cerca de dois bilhões de pessoas vivem em áreas onde é possível a transmissão da dengue em todo o planeta. As áreas de risco estão espalhadas por praticamente todo o mundo – América do Sul (exceto Chile e sul da Argentina), México, África, Austrália, Caribe, China, Ilhas do Pacífico, Índia, Sudeste Asiático e Taiwan. Segundo a Organização Mundial de Saúde, o número estimado de casos está entre 50 e cem milhões por ano, dos quais 550 mil doentes necessitam de hospitalização e 20 mil morrem em consequência da doença.

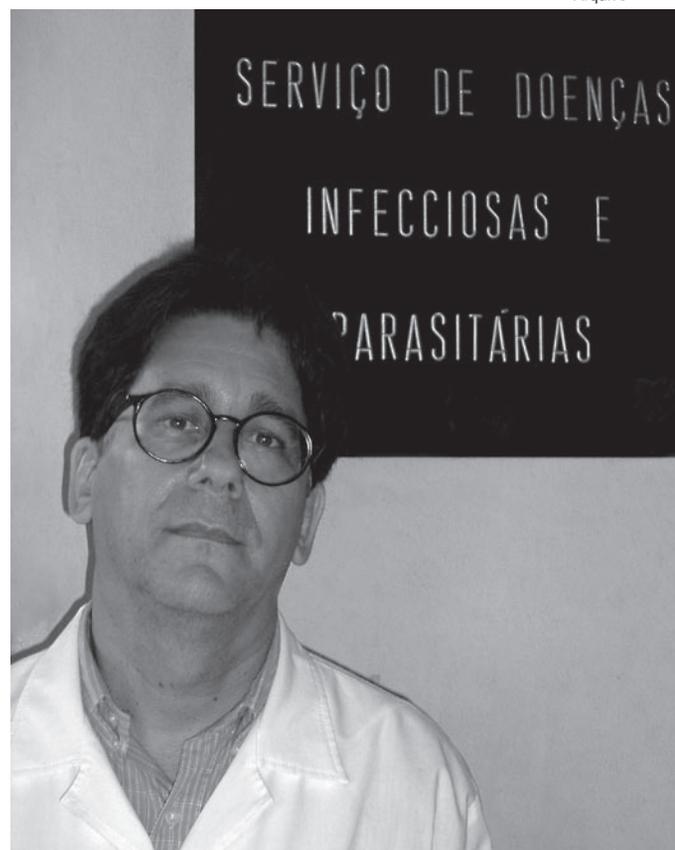
Na década de 1930, no Brasil, a campanha para erradicação do mosquito transmissor da febre amarela – *Aedes aegypti* – evitou também a propagação da dengue. No entanto, quase meio século depois, há a reintrodução e avanço da doença, que volta, em 1981, a atingir a Região Norte do país. A partir daí, duas grandes epidemias surgem no Estado do Rio de Janeiro – uma em 1986, com 90 mil casos, e a segunda em 1990, registrando mais cem mil vítimas. Cinco anos depois, a dengue já havia se espalhado em todas as regiões brasileiras e, em 1998, havia quase 600 mil pessoas infectadas no Brasil.

Para o professor Sérgio Setúbal, do Setor de Doenças Infecciosas e Parasitárias (DIP) essas epidemias são reconhecidas apenas quando a transmissão já se aproxima do auge, ou seja, quando, a partir desse ponto, a dengue passa a ser o diagnóstico de qualquer doença febril aguda. “A

imprensa começa a falar em dengue hemorrágico, e as medidas mais visíveis – mas não mais eficazes – de controle do vetor são iniciadas num momento que pouco podem influenciar no curso da epidemia, por serem tardias, insuficientes ou ineficientes, como é o caso da aspersão de inseticida em ultrabaixo volume, o chamado ‘fumacê’, completamente ineficaz no controle do mosquito, a não ser que fosse feito dentro das casas”, diz. Ainda segundo ele, essas medidas geram falsa sensação de segurança, por parte da população, que tal como governo, nada faz para controlar o mosquito (não limpa os quintais e não reduz os criadouros peridomiciliares). O problema da dengue parece estar estreitamente ligado à urbanização desorganizada e à favelização. Para compreender a explosiva disseminação da dengue e o aparecimento da variante hemorrágica nos grandes centros urbanos do terceiro mundo, é necessário ter em mente o aspecto geral dessas cidades. “Em torno de um centro mais ou menos dotado de infra-estrutura, aglomeram-se milhões de pessoas em moradas precárias, com insuficiente abastecimento de água, sem rede de esgoto, sem coleta de

lixo, vivendo em meio a quintais cheios de lixo não-biodegradável, como carcaças de automóveis, restos de geladeiras, pneus, vasilhames plásticos descartáveis e, além de todo esse ambiente propício à proliferação do *Aedes aegypti* e à transmissão do vírus a enormes contingentes humanos, vem somar-se a facilidade das viagens, o que acarreta o intercâmbio de novos sorotipos entre regiões às vezes muito distantes”, explica Setúbal.

Arquivo



Sérgio Setúbal: diagnóstico social da dengue

Controle

O fundamental nas campanhas contra a dengue é o controle do mosquito vetor, uma vez que não há vacina contra a doença. “No passado, os programas de controle, que tiveram enorme sucesso, tinham estrutura altamente centralizada e hierarquizada, mas eram caros e exigiam o emprego de grande quantidade de mão-de-obra. Por esse motivo e pelo seu caráter verticalizado e paramilitar (guardas uniformizados, ‘mata-mosquitos’), o problema está no seu custo. Assim, novas abordagens foram concedidas, assumindo, na maior parte das vezes, a forma de campanhas publicitárias com o objetivo de obter a colaboração gratuita das comunidades no combate ‘auto-sustentável’ ao *Aedes aegypti*”, avalia o professor.

Ele ressalta a existência de um problema maior que leva à não-erradicação da doença. “Nas grandes cidades brasileiras, as populações de média e baixa renda enfrentam outras calamidades, como a violência urbana, tendendo a colocar a questão da doença em plano secundário.”

Segundo Setúbal, as perspectivas de mudança para essa situação são desanimadoras, uma vez que as condições de vida, especialmente a pobreza, as desigualdades sociais e o analfabetismo são o principal problema. “As imposições econômicas trazidas pela chamada “globalização” (restrições aos investimentos estatais e à atividade gestora do Estado sobre a economia) contribuíram muito para o colapso dos serviços de saúde em geral e das atividades de vigilância e controle do vetor.”



*Fumacê: para o professor Setúbal, medida é ineficaz no combate ao *Aedes aegypti**

Vacina

Uma vacina eficaz contra a dengue deverá conseguir imunização simultânea e duradoura para os quatro sorotipos. “Todos os textos que leio sobre a dengue dizem que a vacina não estará disponível em futuro próximo. Acho que há grandes dificuldades para a feitura de uma vacina, pois ela terá de agir ao mesmo tempo contra os quatro sorotipos do vírus, e agir muito bem, pois uma das causas de dengue hemorrágico é uma imunidade parcial. Por isso, a imunidade conferida pela vacina tem de ser muito boa, pois, se não, vai piorar o problema”, esclarece Sérgio Setúbal.



‘Degradação da cidadania’

Doenças que, em determinado período, foram epidemias e depois erradicadas do país, hoje estão retornando. É o caso da tuberculose e da hanseníase, leptospirose, dentre outras. De acordo com Sérgio Setúbal, essas enfermidades retornaram devido à “degradação da cidadania”. Ele acredita que “o problema da educação, do acesso aos serviços de saúde, os baixos salários, tudo contribui para que o indivíduo não se trate, ou abandone o tratamento. No caso da tuberculose, é espantoso que a doença, que tem cura, não possa ser controlada, em decorrência dos numerosos casos de

abandono do tratamento, uma vez que este abandono decorre, em última instância, da carência de educação. Por outro lado, há dificuldades de atendimento, incluídas a de transporte do paciente às unidades de saúde, a superlotação dos hospitais e postos de saúde”.

O professor enfatiza a importância do Setor de Doenças Infecciosas e Parasitárias (DIP) da UFF para o currículo dos alunos de Medicina da universidade. “Ensinamos não só os aspectos clínicos das doenças, mas procuramos transmitir, também, uma visão crítica de todo o problema.”

Traduções sem crimes

Gabriel Benamor

A literatura russa está passando por uma revisão. Novas traduções diretas de autores como Dostoiévski, Tolstoi, Tchekov e outros são lançadas para substituir as antigas versões, produzidas do russo para o francês e, só então, para a língua portuguesa. Professor da UFF há 13 anos, Paulo Bezerra é especialista em Fiodor Dostoiévski. Ganhou o Prêmio Paulo Rónai, oferecido pela Fundação Biblioteca Nacional, em 2002, pela tradução do clássico *Crime e castigo*. Atualmente, finaliza o último clássico deste autor ainda não traduzido por ele, *Os irmãos Karamázov*, que narra os confrontos entre os irmãos Dimitri, Aliexiei e Ivan, após o assassinato de seu pai por um filho bastardo. Ao todo, já traduziu cerca de 50 livros de mais de 30 autores russos, dentre eles, os teóricos Bakhtin e Vigotski. Em entrevista ao **Momento UFF**, Paulo Bezerra conta a experiência de traduzir obras para o português.

Momento UFF – Por que o interesse em uma língua tão pouco falada no Brasil?

Paulo Bezerra – Em 1963 fui para Moscou fazer um curso de ciência política, com disciplinas de história do movimento operário internacional, economia, filosofia, dentre outras. Com o golpe militar de 1964 e impossibilitado de retornar ao Brasil, fui para a Universidade Lomonósov, em Moscou, estudar russo, de 1965 até 1969.

Momento UFF – Não só as obras de Dostoiévski passaram por recentes novas traduções, mas também as de outros escritores russos, como Tolstoi e Tchekhov. Em sua opinião, o que está motivando o mercado editorial brasileiro a se voltar para a literatura russa?

Paulo Bezerra – Todo esse novo interesse do público brasileiro por literatura russa deve-se a dois fatores: à grande diferença entre as traduções diretas do russo, iniciadas por Boris Schnaiderman, na década de 1960, e continuadas por mim, e à profunda preocupação com o ser humano e seus problemas, que se irradia da literatura russa.

Gabriel Benamor



Professor Paulo Bezerra, vencedor do Prêmio Paulo Rónai, em 2002, de melhor tradução de um romance para a língua portuguesa

Momento UFF – O senhor pode citar um exemplo da diferença entre uma tradução sua e outra antiga, feita a partir da versão francesa?

Paulo Bezerra – As diferenças são enormes. Começam pela autenticidade da linguagem em Dostoiévski. Quando uma personagem de Dostoiévski vive um conflito, isso se manifesta diretamente em sua linguagem. Vejamos o exemplo do príncipe Míchkin, de *O idiota*. Míchkin é epilético. Numa das cenas do romance, ele está falando num salão e começam a manifestar-se os sintomas do iminente ataque de epilepsia. Sua sintaxe se desestrutura, se tornando descontínua, as palavras se atropelam e a linguagem fica terrivelmente caótica, assim como a consciência dele. É o que eu chamo de clareza obscura: por trás de todo esse caos da linguagem, existe uma lógica construída pelo autor para espelhar a desestruturação do psiquismo do herói. Tudo isso desaparece na tradução indireta do francês, cuja linguagem é tranqüila, contínua, como se não houvesse crise.

Momento UFF – Qual a principal dificuldade em traduzir Dostoiévski, criador de personagens tão psicologicamente densos?

Paulo Bezerra – Uma das maiores dificuldades está no exemplo acima de *O idiota*. O segundo aspecto se deve ao próprio uso da língua russa por Dostoiévski. Grande transgressor em tudo, transgredia também no uso da língua e no desrespeito a certas normas gramaticais. Além disso, ele constrói frases inteiras sem um verbo, sem um substantivo, só com partículas.

Momento UFF – O senhor está trabalhando atualmente em alguma nova tradução?

Paulo Bezerra – Estou traduzindo *Os irmãos Karamázov*, de Dostoiévski.

Momento UFF – Uma boa tradução pode ser considerada uma nova obra com novo autor?

Paulo Bezerra – Por melhor que seja a tradução, ela não muda a qualidade da obra nem cria novo autor.

Momento UFF – Qual o seu conselho para novos tradutores?

Paulo Bezerra – Primeiro estudar a fundo sua própria língua, concomitantemente com a língua estrangeira. O novo tradutor deve ter em mente que só o domínio mais amplo possível de sua própria língua lhe dará condição de ser um bom tradutor. É no seu idioma que ele vai resolver os desafios da língua objeto de tradução, pois são os leitores de sua língua que irão ler suas traduções. Se ele não for capaz de descrever um pôr-do-sol, uma alvorada, uma paisagem diurna ou noturna em sua língua, terá dificuldades intransponíveis para traduzir fenômenos similares de uma língua estrangeira. O idioma do tradutor é o elemento de sua identificação com sua cultura, e a tradução é, antes e acima de tudo, um diálogo de culturas.

Racismo ambiental, preconceito disfarçado

No mundo inteiro vários são os exemplos que retratam o racismo ambiental. Diferentes realidades, lutas e experiências dessa face particularmente perversa do racismo são focalizadas em manchetes e imagens de apelo midiático efêmero e sensacionalista. O furacão que assolou a cidade de Nova Orleans em 2005; a devastação das aldeias na Indonésia em janeiro de 2006, por enchentes e deslizamentos de terra onde a maioria dos moradores vive de plantações de café e nas margens de rios, são exemplos que configuram e definem as injustiças sociais e ambientais que recaem de forma desproporcional sobre as etnias vulneráveis.

Geisa Maria

Política ambiental e populações vulneráveis; racismo, etnia e políticas de identidade no Brasil; racismo, conflitos socioambientais e cidadania foram temas do 1º Seminário Brasileiro contra o Racismo Ambiental, realizado em 2005 pelo Laboratório de Estudos de Cidadania, Territorialidade, Trabalho e Ambiente (Lactta) da UFF em parceria com o Projeto Brasil Sustentável e Democrático (BSD/Fase).

Segundo a professora de Sociologia da UFF e uma das coordenadoras do evento, Marília Falci Medeiros, “vários foram os resultados do Seminário sobre Racismo Ambiental. Dentre os mais importantes, destaca-se a criação de uma rede internacional contra esse tipo de racismo, inserida num movimento já existente, denominado Justiça Ambiental”.

Ela acrescenta que uma das ações resultantes do seminário é a elaboração de um mapa onde se pretende identificar os casos de racismo ambiental no Brasil. Além disso, está em curso a edição de um livro que traz textos com reflexões científicas e abordagens teóricas sobre o assunto. O objetivo dos pesquisadores é “criar um conceito paradigmático, que possa servir de referência para análises concretas sobre casos de vulnerabilidade de populações indígenas e negras em situação de discriminação ambiental”.

Os organizadores do evento Fase/Lactta pensam em realizar o próximo seminário ainda no ano de 2006.

Ética, qualidade de vida e cidadania

“O racismo ambiental também se expande pelo entorno das funções exploradoras e escravizantes das empresas manufatureiras de roupa e das indústrias microeletrônica e



Imagem do cartaz do seminário

extrativistas”, afirma o sociólogo e diretor do Environmental Justice Resource Center, Robert Bullard, na revista *Eco* nº 21, de janeiro de 2005. Bullard diz que o racismo ambiental é evidente em escala mundial. “Os negros que se encontram em perigo nos países industrializados do Norte têm muito em comum com as populações dos países em desenvolvimento, que também estão ameaçadas pelas empresas poluentes”, conclui.

De acordo com a professora Tania Pacheco, do BSD/Fase, “determinar as fronteiras onde termina a questão social e começa a ambiental – ou vice-versa – é tarefa difícil até mesmo para pesquisadores e/ou acadêmicos, na medida em que essas questões tendem a se interpenetrar, em boa parte das vezes”. Tania cita a favela do Morro do Estado, localizada em Niterói, como exemplo da relação entre raça e desigualdade social. A professora se baseia nos dados de pesquisa do IBGE (PNAD de 1996), em que a cidade detém o índice de melhor qualidade de vida do Estado do Rio de Janeiro, registrando em seu centro 72% de moradores brancos e 28% de negros. Entretanto, no Morro do Estado, esses números praticamente se invertem, revelando 27,4% de brancos e 72,6% de negros.

Ainda no Brasil, situações como a das vítimas do manganês, no Amapá; a contaminação por cobre em Santo Amaro da Purificação, na Bahia, envolvendo também populações quilombolas e a degradação e o abandono da periferia na implementação de políticas públicas de saneamento na cidade do Rio de Janeiro – o bairro de Santa Cruz tem o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) semelhante ao de Honduras – são apenas recortes desta realidade que massacra e marginaliza, cultural e socialmente, as faixas menos favorecidas da população do planeta.

SOS Mulher: Huap ajuda as vítimas de violência

Daniel Coutinho e Natalia Charruff

O Hospital Universitário Antônio Pedro (Huap) realiza desde 2002 o projeto SOS Mulher que visa amparar as mulheres vítimas de violência sexual e doméstica. Por meio desse serviço, coordenado pela assistente social Leila Maria Campos Guidoreni, as pacientes que chegam ao setor de Emergência são encaminhadas para um atendimento clínico e social, prestado por uma equipe multidisciplinar formada por funcionários das áreas de serviço social, medicina e enfermagem.

Arquivo/Huap



Assim que chegam ao hospital, as vítimas são examinadas, e imediatamente é feita a profilaxia: recebem o coquetel de anti-retrovirais (contra o vírus da Aids), a contracepção de emergência (pílula do dia seguinte) e medicações contra as DST (doenças sexualmente transmissíveis). A partir daí, entra em cena a assistente social, que, com uma entrevista inicial, busca fornecer suporte psicossocial à paciente, com um acolhimento qualificado.

Essa iniciativa de maior atenção às mulheres vítimas de abusos nasceu em 2000, quando o governo federal, por intermédio do Ministério da Saúde, coordenou a promoção de treinamentos realizados pelas Secretarias Estaduais de Saúde em todo o país. Em relação ao Huap, o projeto inicial era de prestar somente atendimento emergencial e posteriormente encaminhar as pacientes à rede básica, que ficaria responsável pela continuidade da assistência. No entanto, de acordo com Leila, “o hospital decidiu assumir a totalidade do atendimento”. Em 2002, o SOS Mulher foi aprovado pelas Comissões de Ética do Centro de Ciências Médicas da UFF e do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa. O projeto também está vinculado à Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, do governo federal.

O SOS Mulher funciona no Serviço Social do Ambulatório, situado na entrada principal do Huap. O atendimento nos casos de retorno para acompanhamento ocorre às quartas-feiras, das 14h às 17h, o que não impede a procura do serviço em outros dias e horários. O telefone para contato é 2629-9070.

Pacientes com doenças degenerativas: atenção especial aos cuidadores

Lívia Duarte

Os casos de síndromes degenerativas vêm crescendo junto com a população idosa. Depoimentos daqueles que cuidam desses pacientes são cada vez mais freqüentes, mostrando o desespero dos cuidadores quando percebem o fim do sentimento em relação aos entes mais queridos.

Atentas a esse quadro, as professoras da Escola de Enfermagem Selma Petra e Mirian da Costa Lindolpho desenvolvem e coordenam o Projeto de Enfermagem no Programa de Geriatria e Gerontologia da UFF – trabalho que vai além do cuidado com o paciente idoso, criando um atendimento específico para os cuidadores. De acordo com Selma, “o projeto é uma oportunidade para os cuidadores trocarem experiências, buscarem forças e se manterem informados sobre como proceder com os idosos”.

O projeto é desenvolvido no “Mequinho”, localizado na Rua Jansen de Mello. Às segundas-feiras, são atendidos idosos que não têm, necessariamente, uma síndrome demencial degenerativa. Às quintas-feiras, funciona o grupo para os portadores de demência, que fazem atividades para estabilizar a doença. Enquanto isso, em outra sala, se reúne o grupo com os cuidadores.

Nesses encontros os cuidadores são acompanhados pelas enfermeiras nos desafios do cotidiano. Dona Tereza Marinho é cuidada pelo marido, Teófilo Ferreira. Ele lembra que a esposa foi atropelada e passou 64 dias na cama. Ela apresenta caso de demência pós-trauma. “Tive de aprender a lavar, passar, cozinhar, a fazer tudo o que ela fez a vida inteira para mim. Os cuidadores dão muita força uns aos outros. Eu venho aqui porque é importante para ela e porque eu não sabia como cuidar dela.”

Lívia Duarte



Equipe do Programa de Geriatria realizando atividades com os cuidadores

Inteligência artificial: mais perto do que você imagina

Alice Cordeiro

Para muitos, o conceito de inteligência artificial (IA) se resume àquele apresentado no famoso filme de Steven Spielberg, em que um menino-robô adquire características e sentimentos humanos, como a capacidade de amar. No entanto, como explica a coordenadora do Laboratório de Inteligência Artificial da UFF, professora Ana Cristina Bicharra Garcia, a idéia mostrada no filme é romantizada. “A tecnologia é voltada para ajudar o homem e não para copiá-lo”, ressalta.

“A inteligência artificial é um balaio de tecnologias capaz de nos auxiliar no processo de tomada de decisão, de diminuir as probabilidades de erro e de acelerar o trabalho humano”

A IA tem como principal objetivo estudar as propriedades da inteligência no homem e em outros seres – vivos ou inanimados – para que sejam desenvolvidas ciências que possam ajudar o ser humano. “A inteligência artificial é um balaio de tecnologias capaz de nos auxiliar no processo de tomada de decisão, de diminuir as probabilidades de erro e de acelerar o trabalho humano. Em vez de demorarmos três horas tentando resolver um problema, podemos acionar um programa computacional que exibirá opções com prós e contras e irá sugerir a melhor”, explica Ana Cristina.

Inteligência artificial no dia-a-dia

A tecnologia já pode ser encontrada no cotidiano das pessoas. Análises de créditos em cartões, piloto automático de carros, aviões e barcos, fornos microondas mais modernos são exemplos de inteligência artificial. O diretor do Centro de Inteligência Artificial da Universidade Nova de Lisboa, Luís Moniz Pereira, acredita que, no futuro, eletrodomésticos estarão ligados entre si e à web. Com isso será possível a uma geladeira, por exemplo, ficar “sabendo” se ainda há bifés dentro dela, se falta leite ou se é preciso comprar frutas. E, quando faltar, ela poderá fazer a encomenda pela internet ao supermercado. Da mesma forma, uma cidade inteira poderia ser controlada por um sistema inteligente que, a partir da identificação de padrões de comportamento de seus moradores, poderia, dentre muitas outras coisas, adequar períodos dos sinais de forma a otimizar o trânsito ou operar as bombas de abastecimento de água em horários em que o custo da energia elétrica é menor.

Alice Cordeiro



Nova sede do ADDLabs abrirá mais espaço para alunos e pesquisadores

Dez anos trabalhando com inteligência

O Laboratório de Pesquisa e Desenvolvimento em Inteligência Artificial e Interação Homem-Máquina (ADDLabs) da UFF completa dez anos e tem motivos de sobra para comemorar: nos últimos três anos a Petrobrás investiu R\$ 10 milhões no projeto. O mais recente investimento foi de R\$ 1,8 milhão para a construção da nova sede do laboratório, na Praia Vermelha. Ana Cristina acredita que a iniciativa contribuirá para o aumento do volume de pesquisas, além de duplicar o número de integrantes da equipe, que hoje conta com 28 pessoas, dentre alunos e professores. “Existem muitos professores que querem participar das pesquisas, mas encontram dificuldades devido à pouca infra-estrutura. Com o novo laboratório, essa participação será possível. A presença de pessoas diferentes é sempre um fator positivo para enriquecer o grupo”, destaca.

Os alunos interessados em participar das pesquisas podem mandar seus currículos para secretaria@addlabs.uff.br. O ADDLabs conta com estagiários de diversas áreas, dentre elas, informática, telecomunicações, multimídia, geologia, cinema e letras.

Fique de Olho

Centro de Artes sedia Festival Brasileiro de Cinema Universitário

A 11ª edição do Festival Brasileiro de Cinema Universitário será realizada entre os dias 30 de maio e 11 de junho no Centro de Artes UFF, Centro Cultural Banco do Brasil e Centro Cultural dos Correios.

A abertura das sessões em Niterói será segunda-feira, dia 5 de junho, com a estréia do longa-metragem “O rugido do leão”, de Leonardo Copello, ex-aluno do curso de Cinema e Vídeo. O filme é um documentário sobre a Escola de Samba Estácio de Sá, e a bateria da escola foi convidada a fazer uma apresentação no Teatro da UFF após a exibição do filme.

O festival é uma iniciativa dos alunos e ex-alunos do curso de Cinema e Vídeo da UFF, que pretende mostrar ao público o que vem sendo desenvolvido academicamente em termos de audiovisual e como se dão o aperfeiçoamento e o estudo dessa arte.

Educação realiza encontro de ensino de história e ciências sociais

O Laboratório de Ensino de História da Faculdade de Educação organiza o 5º Encontro Estadual de Ensino de História e Ciências Sociais, entre os dias 6 e 8 de julho, no Colégio Pedro II, Centro, Rio de Janeiro.

O encontro é realizado de dois em dois anos e desta vez conta com a parceria do Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II (CPH/Nudom).

Congresso em Angola reúne cientistas sociais de língua portuguesa

Em novembro, Luanda, capital de Angola, será a sede do tradicional encontro de cientistas sociais dos sete países de língua portuguesa (Portugal, Brasil, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique e Guiné Bissau), durante o 9º Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais.

O evento já foi realizado em diversas cidades, como São Paulo, Maputo, Lisboa, Rio de Janeiro e Porto, e ocorre a cada dois anos. Nesta edição, o evento terá como tema “Dinâmicas, Mudanças e Desenvolvimento no Século XXI”, esperando receber, de 28 a 30 de novembro, cerca de mil estudiosos e pesquisadores das ciências sociais e humanas, dos países de língua oficial portuguesa.

As propostas de painéis escolhidos incluem pobreza e exclusão social, desenvolvimento e poder local, papel das autoridades tradicionais, tradição e modernidade, a malária e a doença do sono como entraves ao desenvolvimento, a religião e os desafios do desenvolvimento, a expansão do islamismo, dentre outros.

Os cientistas sociais interessados em apresentar trabalhos devem enviar seus resumos para avaliação e aprovação da comissão científica para o endereço: Secretaria do 9º Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Universidade Agostinho Neto, Faculdade de Direito (Secretariado da Pós-Graduação), Caixa Postal 1.354, Avenida Ho Chi Minh, Luanda, Angola. Contatos pelos telefones 91 - 221-7565, 92 - 356-5845 e 91 - 2 50-6974 ou pelo e-mail ixclabcs@yahoo.com.br.

Livros da Eduff

Novo site da Eduff: mais dinâmico, com informações e reportagens sobre as publicações da editora e, em breve, também com vendas on-line. Acesse www.eduff.uff.br

Série ‘Práxis Educativa’



O principal objetivo dessa série é contribuir para a formação de profissionais da área de ensino. A Eduff lançou quatro novos volumes, dentre eles *Democracia e educação em Florestan Fernandes* (245 p., R\$ 20) organizado por Osmar Fávero, que assinala a atuação acadêmico-militante do sociólogo como defensor da democratização da educação pública no Brasil.

Livro ensina geometria brincando



Quebra-cabeças geométricos e formas planas (87 p., R\$ 15), de Ana Maria Kaleff, Dulce Monteiro Rei e Simone dos Santos Garcia, é escrito para professores que acreditam que o processo de aprendizagem pode – e deve – ser lúdico e prazeroso. A obra mostra, dentre outras coisas, como estabelecer situações utilizando quebra-cabeças planos construídos com materiais de baixo custo.

Por uma antropologia do consumo



A 17ª edição da revista *Antropolítica* (290 p., R\$ 13) mantém a tradição de levar ao leitor temáticas contemporâneas nas ciências sociais, ao abordar tanto a antropologia do consumo como políticas de desenvolvimento, associativismo em rede, arquivos públicos e uma reflexão teórica sobre a desigualdade no pensamento clássico.